



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



CULTURA  
ACADÊMICA  
*Editora*

# A Segunda Geração de Latino-Americanos em São Paulo:

Primeiras Análises

Rosana Baeninger

Gabriela Camargo de Oliveira

**Como citar:** OLIVEIRA, Gabriela Camargo de.; BAENINGER, R. A Segunda Geração de Latino-Americanos em São Paulo: Primeiras Análises. In: **TEIXEIRA, P. E.; BRAGA, A. M. C. BAENINGER, R. (org). Migrações: Implicações passadas, presentes e futuras.** Marília: Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.311-330  
DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-267-3.p.311-330>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição- NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# A SEGUNDA GERAÇÃO DE LATINO-AMERICANOS EM SÃO PAULO: PRIMEIRAS ANÁLISES<sup>1</sup>

*Gabriela Camargo de Oliveira<sup>2</sup>*

*Rosana Baeninger<sup>3</sup>*

## CONTEXTO DAS IMIGRAÇÕES LATINO-AMERICANAS NO BRASIL E EM SÃO PAULO

Embora seja fator pouco estudado e conhecido, depois da Segunda Guerra Mundial, o Brasil recebeu fluxos imigratórios de perfil diferente dos fluxos do começo do século XX e em menor quantidade. Paiva (2007) aponta que imigrantes provenientes da América Latina – principalmente de países como Argentina, Bolívia, Paraguai, Peru, Uruguai – passaram, a partir dos anos 1970, a compor o movimento de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no I Seminário Migrações e Cultura, realizado na UNESP/Marília em setembro de 2011.

<sup>2</sup> Mestranda em Demografia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/IFCH da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp. Estudo realizado no âmbito do projeto de mestrado FAPESP: A segunda geração de latino-americanos na RMSP de São Paulo. Email: gabi.co@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Demografia e Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População/UNICAMP. Estudo realizado no âmbito do Projeto Temático “Observatório das Migrações em São Paulo: fases e faces do fenômeno migratório no Estado de São Paulo” – FAPESP. Email: rbaeninger@nepo.unicamp.br

imigração internacional para o Brasil. Vários fatores contribuíram para esses contingentes migratórios regionais, desde acordos bilaterais para entrada de estudantes nos anos 1950 (SILVA, 2008) até razões políticas e econômicas dos anos 1960 e 1970, no contexto latino-americano (SILVA, 2008). Em anos mais recentes, em particular, a partir dos anos 1980, os fluxos migratórios latino-americanos destinaram-se, principalmente, para duas áreas: as regiões de fronteiras e as regiões metropolitanas (PATARRA, 2002), em especial, São Paulo e Rio de Janeiro.

No âmbito da reestruturação econômica internacional dos anos 1990/2000, os imigrantes oriundos do Mercosul corresponderam a 40% dos imigrantes internacionais legais que chegaram ao Brasil (PATARRA; BAENINGER, 2005). Em 1990, o Brasil apresentava 1,1 milhão de estrangeiros, que correspondia a 6,2% da população total. A América do Sul foi responsável por 44% do total de estrangeiros no Brasil, de acordo com o Censo de 1991, e o estado de São Paulo foi o principal receptor de imigrantes, principalmente os latino-americanos (ANTICO, 1998).

Em São Paulo, assim como no resto do país, houve um aumento do fluxo de imigrantes latino-americanos a partir dos anos 1970 e, desde então, o fluxo vem aumentando. Embora São Paulo receba imigrantes provenientes de todo o mundo, principalmente da América Latina, o maior fluxo de entrada é de bolivianos, paraguaios, argentinos, peruanos, uruguaios e chilenos (PAIVA, 2007). Nesse sentido, de acordo com estudos realizados por Silva (2008), os maiores fluxos de estrangeiros latino-americanos, em São Paulo, na atualidade, são de bolivianos, peruanos e paraguaios. A maior parte dos imigrantes latino-americanos em São Paulo veio com o objetivo de trabalhar nos ramos de confecções, comércio e serviços (SILVA, 2008).

Embora as estimativas sobre a quantidade de imigrantes residentes na cidade venham crescendo ao longo dos anos, os dados da Polícia Federal e do Ministério do Trabalho demonstram uma diminuição nos pedidos de autorização de trabalho, o que evidencia o aumento dos estrangeiros indocumentados. Devido à situação de não documentação desses imigrantes, é impossível estabelecer o número aproximado de imigrantes na cidade, o que faz o assunto de difícil estudo (BAENINGER; LEONCY, 2001).

Independente das diferenças entre os números oficiais e os estimados, é fato que a comunidade latino-americana, na cidade de São Paulo, é grande e vem crescendo cada vez mais, demonstrando um movimento migratório de fluxo constante. A comunidade latino-americana na cidade se estabeleceu ao longo dos últimos 30 anos e é presença marcante nos bairros centrais (PROJETO URB-AL, 2007). Apesar da taxa de retorno característica dos movimentos migratórios (SAYAD apud SILVA, 2008), os imigrantes latino-americanos têm construído suas vidas na cidade, permanecendo, constituindo famílias e tendo filhos em São Paulo, os quais remetem à questão da segunda geração.

### A SEGUNDA GERAÇÃO: DEFINIÇÕES CONCEITUAIS

A segunda geração pode ser definida como a geração de filhos dos imigrantes adultos, que nasceram ou chegaram ainda novos ao país receptor. Conforme definido por Waters, Kasinitz, Mollenkopf (2004, p.1), “[...] a segunda geração – e a geração 1.5 – gerações imigrantes[...] ou seja, pessoas cujos pais são imigrantes, mas eles mesmos eram nascidos ou foram substancialmente criados nos Estados Unidos”.<sup>4</sup>

Portes (1996), no seu estudo sobre imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos, distingue três categorias. As “crianças imigrantes” seriam jovens que nasceram no exterior, mas que imigraram para os Estados Unidos, logo após a infância, para serem criados no país; já as “crianças de imigrantes” – a segunda geração – incluem as crianças de pais imigrantes que nasceram no país receptor, bem como as crianças que nasceram no exterior e que imigraram ainda bem novos, também chamados de geração 1.5; e as “crianças nativas”, crianças de pais naturais do país. Segundo o autor,

[...] três categorias distintas: crianças imigrantes, crianças de imigrantes e crianças nativas de pais nativos. A primeira categoria inclui jovens que nasceram no exterior e vieram para os Estados Unidos após a infância para serem criados aqui. A segunda inclui as crianças nascidas nos Estados Unidos de pais imigrantes e as crianças nascidas no exterior, mas que vieram ainda muito novas (algumas vezes chamados de geração 1.5). A terceira categoria, crianças nativas de pais nativos, representa

---

<sup>4</sup> Livre-tradução das autoras: “[...] *second- and '1.5' – generation immigrants... that is, people whose parents were immigrants but who themselves were born or substantially raised in United States*” (KAZINITZ; MOLLENKOPF; WATERS, 2004, p. 1).

a vasta maioria do total da população e da população adolescente<sup>5</sup> (PORTES, 1996, p. IX).

Portes; Halles; Fernandez-Kelly (2008, p. 13) consideram a segunda geração de imigrantes em seus estudos, pois:

O motivo que nos levou a voltar nossa atenção para os filhos foi a constatação de que os efeitos de longo prazo da imigração na sociedade norte-americana seriam determinados menos pela primeira do que pela segunda geração [...].

Para esses autores, os imigrantes de primeira geração seriam flutuantes, mantendo-se ora no país receptor ora no país de origem, estariam na sociedade, mas não fariam parte dela; já os filhos desses imigrantes ficariam no país, como cidadãos. Além disso, seria a segunda geração a determinar a manutenção ou não de práticas culturais originárias. Portanto, estudar a segunda geração de imigrantes seria tão importante quanto estudar a primeira geração. Ademais, seria preciso compreender como a segunda geração tem se inserido na sociedade receptora e que relações mantém com a comunidade local para entender os efeitos da imigração para a sociedade. Portes et al. (2008, p.13) afirmam:

Imigrantes de primeira geração sempre foram um grupo muito flutuante, hoje aqui e amanhã já de partida, na sociedade, porém não ainda parte dela. Em contraste, seus filhos nascidos e criados nos Estados Unidos estão nesse país, sem a menor dúvida, para ficar e, como cidadãos, estão inteiramente habilitados a ter 'voz' no sistema político norte-americano (no sentido do termo utilizado em Hirschman [1970]). Portanto, o decurso de sua adaptação determinará, mais do que outros fatores, no longo prazo, o destino dos grupos étnicos gerado pelos imigrantes de hoje.

De acordo com os autores, no caso dos EUA, a hipótese da assimilação uniforme não se aplicaria totalmente à “nova segunda geração”<sup>6</sup>,

---

<sup>5</sup> Livre-tradução das autoras: “[...] three distinct categories: immigrant children, children of immigrants, and native-born children of native parentage. The first category includes youth who are born abroad and come to the United States after early infancy to be raised here. The second includes native-born children of immigrant parents and children born abroad who came at very early age (sometimes called the 1.5 generation). The third, native-born children of native parentage, represents the vast majority of both the total and adolescent population” (PORTES, 1996, p. ix).

<sup>6</sup> O termo “nova segunda geração” refere-se à segunda geração do fluxo migratório pós-1965 para os Estados Unidos, que é predominantemente latina e asiática, diferenciando-se do termo segunda geração, muitas vezes

que são os descendentes da corrente imigratória latina e asiática, pois ela não estaria sendo assimilada do mesmo modo que as correntes imigratórias anteriores.

Portanto teria havido mudanças nas formas de assimilação desde os primeiros estudos sobre assimilação de imigrantes. A hipótese dos autores é de que, ao contrário do que aconteceu com a segunda geração de imigrantes dos Pós-Primeira e Segunda Guerras Mundiais, a “nova segunda geração” não estaria sendo assimilada ao *mainstream* de forma uniforme, como foi a segunda geração do fluxo imigratório europeu, uma vez que

[...] a imagem de uma trajetória de assimilação uniforme não dava conta do que efetivamente estava ocorrendo. Em vez disso, o processo havia se tornado segmentado em vários percursos distintos, alguns levando a trajetórias ascendentes, outros, a trajetórias descendentes (PORTES; HALLES; FERNANDEZ-KELLY, 2008, p. 14).

Esse fato deve-se a uma variedade de fatores diversos na sociedade atual e também às diferenças étnico-culturais dos novos imigrantes. Fatores como o contexto social da sociedade receptora, composição familiar, preconceito, barreiras educacionais, características fenotípicas, políticas públicas para imigrantes e outros, fazem com que a assimilação ocorra de forma “segmentada”.

A “assimilação segmentada” (KAZINITZ; MOLLENKOPF; WATERS, 2004) pode ser definida como assimilação em alguns setores específicos da sociedade, como em setores minoritários; e não em sua totalidade.

[...] Assimilação segmentada descreve os vários resultados de diferentes grupos de jovens de segunda geração e argumenta que o modo de incorporação da primeira geração é responsável pelos diferentes acessos da segunda geração às oportunidades e redes sociais<sup>7</sup> (KAZINITZ; MOLLENKOPF; WATERS, 2004, p. 7).

Ao invés da uniformidade relativa da sociedade, que dita os caminhos comuns de integração por meio dos costumes e preconceitos, hoje em dia se observa diversas formas de adaptação. Uma delas replica o retrato

---

associado ao fluxo imigratório europeu do começo do século 20 para os Estados Unidos.

<sup>7</sup> Livre-tradução das autoras: “[...] segmented assimilation describes the various outcomes of different groups of second-generation youth and argues that the mode of incorporation for the first generation gives the second generation access to different types of opportunities and social networks” (KAZINITZ; MOLLENKOPF; WATERS, 2004, p. 7).

honorável do crescimento da aculturação e da paralela integração dentro da classe média branca; a segunda leva diretamente para o caminho oposto, em direção à pobreza permanente e assimilação nos segmentos minoritários da sociedade; ainda, a terceira associa rápido avanço econômico com preservação deliberada dos valores e laços de solidariedade da comunidade imigrante<sup>8</sup> (PORTES; ZHOU, 2005, p. 90).

Para Porte e Zhou (2005), a “nova segunda geração” estaria vivendo um conflito de adaptação de ordem tanto cultural como social - entre a pressão dos pais para que mantenham laços fortes com a comunidade étnica e os desafios para ingressar num mundo não familiar e frequentemente hostil. Segundo os autores, as condições econômicas e sociais, na época dos fluxos imigratórios dos Pós-Primeira e Segunda Guerras Mundiais, eram bastante diferentes das confrontadas pelos imigrantes atuais.

As condições daquele tempo eram bastante diferentes das confrontadas pelos grupos imigrantes de hoje. [...] Primeiro, os descendentes dos imigrantes europeus que confrontaram os dilemas decorrentes de conflitos culturais eram uniformemente brancos. E mesmo quando mais escuros que os nativos, a cor de suas peles reduziu a maior barreira de entrada na sociedade norte-americana. Por essa razão o processo de assimilação dependeu largamente das escolhas individuais [...] Essa vantagem obviamente não existe para as crianças dos filhos dos imigrantes de hoje, negros, asiáticos e mestiços. Segundo, a estrutura das oportunidades econômicas também mudou. Cinquenta anos atrás, os Estados Unidos era a potência industrial mundial, e os diversificados requisitos para o trabalho industrial ofereceram à segunda geração a oportunidade de gradualmente ascender a posições melhores pagas, enquanto faziam parte da classe trabalhadora. Nos anos recentes, essas oportunidades desapareceram paulatinamente, seguindo o rápido processo de desindustrialização nacional e da reestruturação industrial global<sup>9</sup> (PORTES; ZHOU, 2005, p. 86).

---

<sup>8</sup> Livre-tradução das autoras: “Instead of a relatively uniform mainstream whose mores and prejudice dictate a common path of integration, we observe today several distinct forms of adaptation. One of the replicates the time-honored portrayal of growing acculturation and parallel integration into the white middle-class; a second leads straight in the opposite direction to permanent poverty and assimilation into the underclass; still a third associates rapid economic advancement with deliberate preservation of immigrant community’s values and tight solidarity” (PORTES; ZHOU, 2005, p. 90).

<sup>9</sup> Livre-tradução das autoras: “Conditions at the time were quite different from those confronting settled immigrant groups today. [...] First, descendants of European immigrants who confronted the dilemmas of conflicting cultures were uniformly white. Even if of a somewhat darker hue than natives, their skin color reduced the major barrier to entry into the American mainstream. For this reason the process of assimilation depended largely on individual decisions... Such an advantage obviously does not exist for the black, Asian,

Esse processo, nos EUA, segundo os autores:

[...] teria deixado para os ingressantes na força de trabalho norte-americana um confrontante vazio entre as posições com salários reduzidos que normalmente os imigrantes aceitam e as posições profissionais e de alta-tecnologia que requerem alto grau de escolarização que as elites nativas ocupam. O gradual desaparecimento das oportunidades intermediárias também afeta diretamente a corrida entre o progresso econômico da primeira geração e as expectativas da segunda geração<sup>10</sup> (PORTES; ZHOU, 2005, p. 86).

Portanto, hoje, os novos imigrantes teriam menos chances de mobilidade na sociedade receptora do que tinham os imigrantes dos fluxos anteriores. Esse fator, associado a outros – como preconceito e falta de oportunidades educacionais – estaria resultando em uma “assimilação descente”, ou seja, nos grupos minoritários do *mainstream*, dentro das subculturas, contrário ao que ocorreu aos descendentes dos imigrantes europeus, que tiveram uma “assimilação ascendente”. No entanto, segundo Portes e Zhou (2005), na realidade, a situação ainda não se tornou tão polarizada, logo, seria possível observar a assimilação em diversos segmentos da sociedade.

Conforme Portes, Halles e Fernandez-Kelly (2008), o problema seria que a segunda geração de imigrantes não estaria conseguindo se mover da situação econômica inicial da primeira geração e ingressar na “classe média” da sociedade, alimentando o ciclo de imobilidade social.

Em uma economia cada vez mais baseada no conhecimento, os filhos de imigrantes sem uma educação avançada não poderiam ascender a posições que lhes provessessem um passaporte para as classes médias e altas, e poderiam estagnar em ocupações manuais, mal-remuneradas,

---

and mestizo children of today's immigrants. Second, the structure of economic opportunities has also change. Fifty years ago, the United States was the premier industrial power in the world, and its diversified industrial labor requirements offered to the second generation the opportunity to move up gradually through better-paid occupations while remaining part of the working class. Such opportunities have increasingly disappeared in recent years following a rapid process of national de-industrialization and global industrial restructuring” (PORTES; ZHOU, 2005, p. 86).

<sup>10</sup> Livre-tradução das autoras: “This process has left entrants to that American labor force confronting a widening gap between the minimally paid menial jobs that immigrants commonly accept and high-tech and professional occupations requiring college degrees that native elites occupy. The gradual disappearance of intermediate opportunities also bears directly on the race between first-generation economic progress and second-generation expectations[...]” (PORTES; ZHOU, 2005, p. 86).



não muito diferentes daquelas exercidas por seus pais (GANS, 1992 apud PORTES; HALLES; FERNANDEZ-KELLY, 2008, p. 14).

No entanto, ao falar dos caminhos segmentados, Portes; Halles; Fernandez-Kelly (2008) deixam claro que as evidências indicam que a maioria da segunda geração estaria se assimilando de forma ascendente, mas que parte considerável estaria se assimilando descendente. Todavia, conquanto a parcela que estaria se assimilando de forma descendente seja minoria, o grupo seria bastante volumoso. Logo, seria necessário compreender as trajetórias que resultam em assimilações tão distintas.

Desse modo, falar em assimilação segmentada não significaria dizer que a maioria da segunda geração irá majoritariamente se assimilar de forma descendente. Ao contrário, ao invés de uma assimilação uniforme, nos dias de hoje, a assimilação tem ocorrido de formas distintas para os diferentes grupos de segunda geração. Por conseguinte, compreender como e o porquê dessas distintas assimilações seria importante para entender os resultados da integração da segunda geração na sociedade receptora.

## **SEGUNDA GERAÇÃO: O CASO PAULISTA**

No Brasil, também há uma “nova segunda geração”, ou seja, os descendentes da nova corrente imigratória de latino-americanos para o país. Mas apesar de muitos estudos (PAIVA, 2007; SILVA, 2008) já terem sido realizados sobre a primeira geração desses imigrantes, pouco se conhece sobre a realidade da segunda geração. O fluxo imigratório latino-americano para São Paulo data de pelo menos 40 anos atrás e um contingente expressivo de famílias imigrantes formou-se na cidade de São Paulo, fato associado ao próprio fenômeno migratório em si, ao processo de reunificação familiar e formação de novas famílias.

Na cidade de São Paulo, a segunda geração da corrente imigratória de latino-americanos para o país é presença marcante nas regiões centrais da cidade, principalmente nas escolas públicas, que chegam a ter até 50% dos seus alunos de origem estrangeira. Apesar disso, pouco se sabe sobre

essas crianças e adolescentes, tanto em termos quantitativos como em termos qualitativos.

Assim como para a primeira geração, cujo exato número de estrangeiros latino-americanos, na cidade de São Paulo, ainda permanece desconhecido e divergente entre as fontes oficiais e as provenientes de instituições de apoio ao migrante; no tocante à segunda geração, o cenário é bastante parecido. Decorrente disso, a mensuração do tamanho da segunda geração também se faz ainda mais difícil, resultado tanto da indocumentação característica do fluxo, como da falta de dados confiáveis a respeito do volume do grupo. Fato agravado, uma vez que parte da segunda geração é brasileira e, portanto, nas fontes oficiais, é considerada como tal, mascarando a origem familiar estrangeira.

Porém, apesar da invisibilidade das comunidades latino-americanas na metrópole paulista, a formação da segunda geração de imigrantes latino-americanos pode ser observada nos microdados do Censo 2000. E, desse modo, o objetivo do trabalho em foco vai além de debater a questão da segunda geração em São Paulo, mas também demonstrar e evidenciar a importante presença desse grupo a partir dos dados do Censo 2000. As análises serão feitas por meio da observação e descrição das estruturas etárias das famílias em questão, ou seja, da primeira geração e a geração 1.5 (declarados estrangeiros no Censo) e da segunda geração.

## **METODOLOGIA**

Com objetivo de observar a presença da segunda geração de latino-americanos na cidade de São Paulo, a metodologia adotada foi a análise dos microdados da amostra expandida do Censo Demográfico 2000. Foram analisados, para tanto, os dados referentes aos imigrantes latino-americanos que registraram maior presença na cidade, ou seja, provenientes da Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai. Para análise dessa segunda geração foi realizada a reconstituição domiciliar desses imigrantes com o objetivo de captar, a partir do Censo Demográfico de 2000, as famílias com presenças de filhos nascidos no país estrangeiro e filhos nascidos no Brasil.

A reconstituição e o estabelecimento das relações familiares foram realizados a partir da variável do Censo “relação com o responsável pelo domicílio”. Para tanto, as gerações foram diferenciadas em primeira geração – para estrangeiros que chegaram já adultos no Brasil –, geração 1.5 – para estrangeiros que chegaram ainda crianças ou jovens (no caso deste artigo, para todos os estrangeiros que foram declarados como filhos em relação à variável relação com o responsável pelo domicílio, no Censo 2000) – e segunda geração para indivíduos que foram declarados como filhos e que nasceram no Brasil, mas tinham ao menos um dos pais de nacionalidade latino-americana.

## PRIMEIROS RESULTADOS

Segundo dados do Censo IBGE de 2000, na cidade de São Paulo, residiam 7.722 bolivianos, 5.183 argentinos, 5.189 chilenos, 2.277 uruguaios, 1.834 peruanos, 1.420 paraguaios, conforme demonstra a tabela 1. No entanto, esses dados não distinguem os imigrantes de primeira geração, ou seja, que migraram adultos, e a geração 1.5, ou seja, as crianças que nasceram no exterior, mas vieram ainda jovens para o Brasil.

TABELA 1 - Estrangeiros residentes segundo país de nascimento (Mercosul). Município de São Paulo – 2000

País	Total
Argentina	5.183
Bolívia	7.722
Chile	5.180
Paraguai	1.420
Peru	1.834
Uruguai	2.277

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000. Amostra expandida. Tabulações especiais.

Logo, com o objetivo de distinguir o volume de estrangeiros de primeira geração, geração 1.5 e segunda geração, foram realizadas tabulações especiais para diferenciar as gerações em questão. Realizada essa distinção foi possível observar a presença da segunda geração e da geração 1.5. Na tabela 2, fica evidente que parte do contingente considerado como

estrangeiros, ou seja, pessoas declaradas como estrangeiros no Censo 2000, não são estrangeiros de primeira geração, e sim da geração 1.5, embora perfaçam a menor parte. Mas, ao reconstituir os domicílios e observar a presença de filhos/enteados, nota-se como a presença da segunda geração e da geração 1.5 é importante tanto no volume desses domicílios como na composição. Entre aqueles declarados como filhos, é possível observar que a maioria é de segunda geração, ou seja, nascidos no Brasil, mas com um dos responsáveis de nacionalidade estrangeira. Logo, é possível notar a importância, em termos quantitativos, da segunda geração nos domicílios com presença de responsável pelo domicílio ou cônjuge estrangeiro.

TABELA 2 - Total de pessoas no domicílio por gerações. Município de São Paulo – 2000

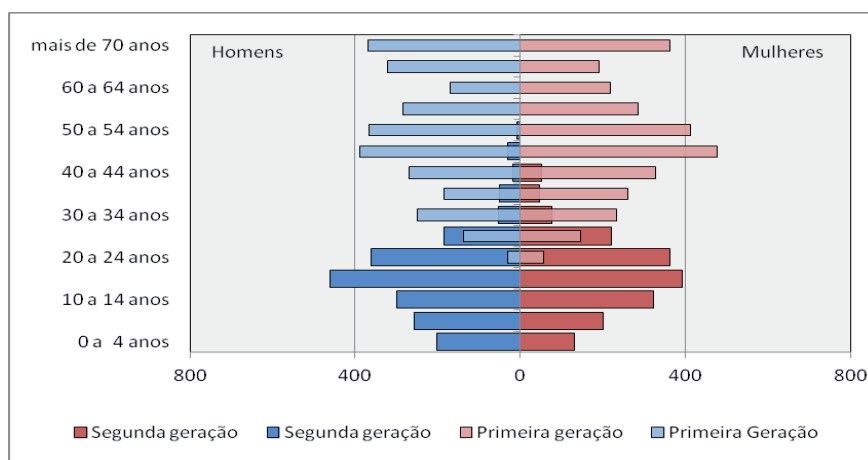
<b>País de origem</b>	<b>Argentina</b>	<b>Bolívia</b>	<b>Chile</b>	<b>Paraguai</b>	<b>Peru</b>	<b>Uruguai</b>
<i>Total de estrangeiros</i>	5.183	7.722	5.180	1.420	1.834	2.277
<i>Total de filhos</i>	3.728	5.824	4.394	1.270	1.126	2.029
<i>Total de geração 1.5</i>	664	936	807	84	236	222
<i>Total de segunda geração</i>	3.064	4.888	3.587	1.186	890	1.807
<i>Total de imigrantes de primeira, 1.5 e segunda geração</i>	8.911	13.546	9.574	2.690	2.960	4.306

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000. Tabulações especiais.

No caso da imigração argentina para São Paulo, foi possível observar que o total de filhos somou 3.728, sendo 3.064 da segunda geração e 664 da geração 1.5. Dado o fluxo de argentinos para o Brasil ser menos recente, é possível observar que a estrutura etária da população estrangeira argentina é bastante envelhecida, com maior parte de seu contingente acima dos 40 anos. No entanto, ao observar a estrutura etária do grupo levando em consideração seus descendentes, ou seja, a segunda geração, conforme o gráfico 1, é possível observar uma estrutura etária, embora envelhecida, ainda com um grande volume de jovens e crianças, apesar de a base da pirâmide demonstrar uma tendência ao estreitamento para o ano de 2000. A idade média entre os responsáveis pelo domicílio e cônjuge foi

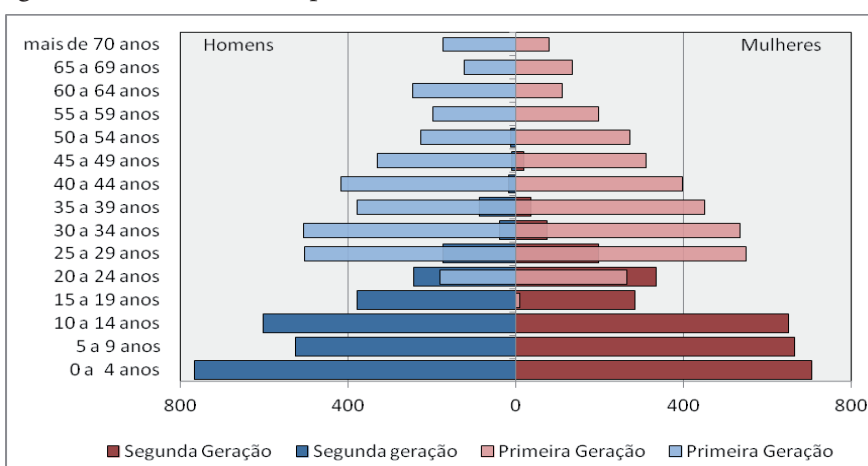
de 51,5 anos, enquanto a idade média para os filhos/enteados foi de 17,5 anos. Logo, a idade média, levando em consideração pais e filhos, foi 34,5 anos, o que mostra o claro rejuvenescimento da comunidade argentina na cidade quando se leva em conta as duas gerações conjuntamente. A idade média, considerando todos os residentes dos domicílios, foi bastante similar, ou seja, de aproximadamente 38 anos.

GRÁFICO 1 - Estrutura etária da população argentina – Primeira e Segunda Gerações. Município de São Paulo, 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

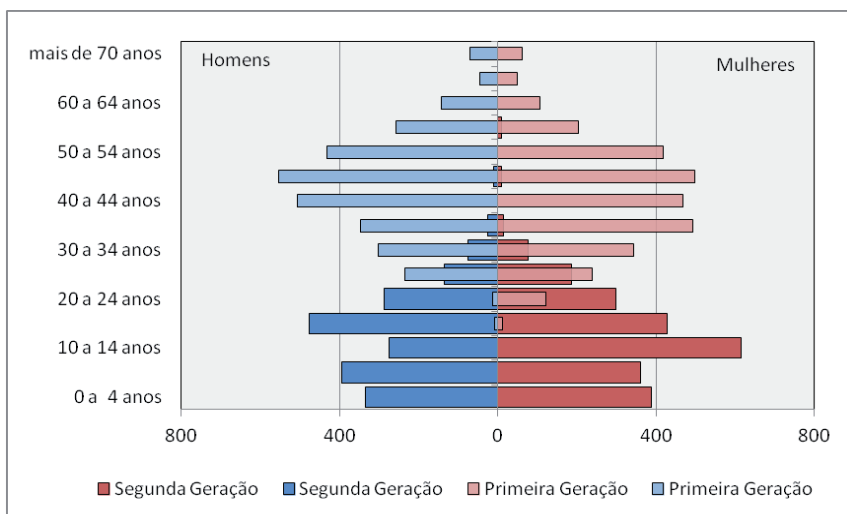
GRÁFICO 2 - Estrutura etária da população boliviana – Primeira e Segunda Geração. Município de São Paulo, 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

Já no caso da imigração de bolivianos para São Paulo foi possível notar um total de filhos de 5.824; 4.888 da segunda geração e 936 da geração 1.5 para o ano de 2000. Conforme o gráfico 2, ao analisar a estrutura etária da população de nacionalidade boliviana em São Paulo, foi possível observar uma estrutura com grande volume de adultos e volume reduzido de crianças e idosos, característica de uma pirâmide etária de uma população migrante de fluxo recente, embora o fluxo boliviano para o Brasil tenha se intensificado a partir dos anos 1970. No entanto, ao analisar a estrutura etária das gerações em conjunto, detecta-se uma pirâmide etária bastante jovem, com grande volume de crianças e jovens, fato que pode ser também demonstrado a partir da idade média do grupo. A idade média do total de pessoas nos domicílios foi de 27,5 anos, no entanto a idade média dos responsáveis foi de 41,4 anos, enquanto a idade média dos filhos foi de aproximadamente 12 anos. Ou seja, a inclusão da segunda geração de bolivianos rejuvenesce a estrutura etária do grupo em questão.

GRÁFICO 3 - Estrutura etária da população chilena – Primeira e Segunda Geração. Município de São Paulo, 2000

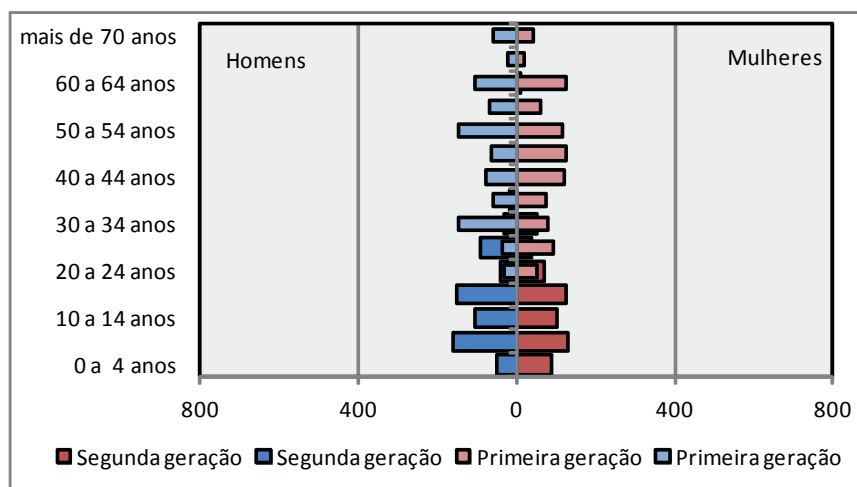


Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

Em relação aos estrangeiros de nacionalidade chilena, individuou-se a presença de 4.394 filhos; 3.587 da segunda geração e 807 da geração 1.5. Em relação à estrutura etária da população da primeira geração, assim

como no caso dos estrangeiros argentinos, é possível observar uma estrutura etária adulta, contudo em processo de envelhecimento, destacando o pequeno volume de crianças e jovens e uma maior presença de homens para a primeira geração. Mas, ao observar a estrutura etária da primeira e da segunda geração em conjunto, pode-se perceber uma presença importante de crianças e jovens. De acordo com o gráfico 3, ao considerar a população chilena em suas duas gerações, detecta-se como a presença da segunda geração é importante. A idade média da segunda geração chilena foi de 14 anos, enquanto dos responsáveis foi de 44 anos e para o total de pessoas no domicílio foi de 31 anos. Mais uma vez confirma-se como a presença da segunda geração exerce um papel importante no rejuvenescimento da população chilena em São Paulo.

GRÁFICO 4 - Estrutura etária da população paraguaia – Primeira e Segunda Geração. Município de São Paulo, 2000



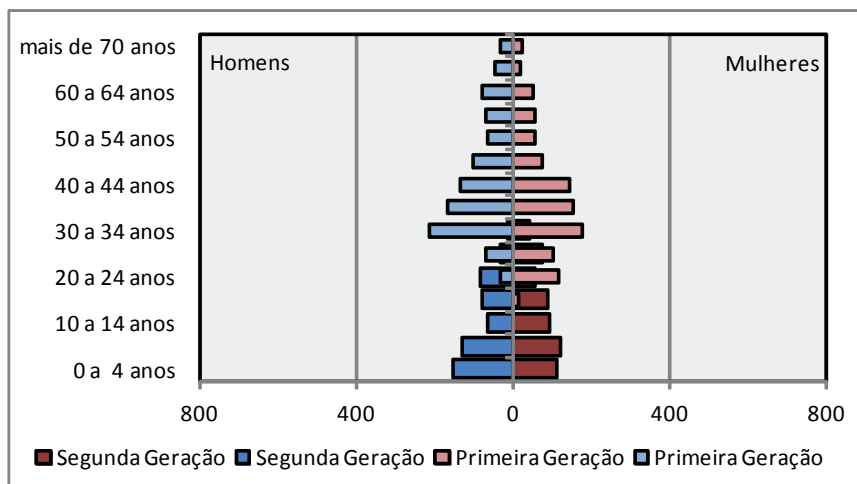
Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

No caso dos paraguaios, foi possível observar a presença de 1.270 descendentes diretos; 1.186 da segunda geração e 84 da geração 1.5. Em relação à estrutura etária da população paraguaia, na cidade de São Paulo, evidenciou-se uma estrutura em processo de envelhecimento, no entanto, ao focalizar a estrutura etária em conjunto com a segunda geração, foi

possível perceber um grande volume de crianças e jovens nessa população, assim, rejuvenescendo fortemente a estrutura etária do grupo em questão. Ademais, o volume da segunda geração é bastante similar ao volume da primeira geração. A idade média das pessoas presentes nos domicílios que eram chefiados ou tinham como cônjuge ao menos um paraguaio foi de 32,5 anos, enquanto a idade média dos responsáveis ou cônjuges em separado foi de 46,5 anos. Entre os filhos, a idade média foi de 15 anos, demonstrando bastante diversidade em termos de idade da população em questão (Cf. Gráfico 4).

Já no caso dos imigrantes peruanos, o total de filhos foi de 1.126; 890 da segunda geração e 236 da geração 1.5. Ao analisar a pirâmide etária da primeira geração de peruanos (Cf. Gráfico 5), nota-se uma estrutura etária bastante adulta e masculina, considerando que o fluxo migratório peruano para São Paulo é recente. A idade média da primeira geração foi de aproximadamente 41 anos. No entanto, ao examinar a pirâmide somando as duas gerações, é possível divisar um alargamento da base, com presença crescente de crianças e jovens e a idade média de 31 anos, ou seja, dez anos mais jovem. Conquanto a presença de crianças não seja tão massiva, para a segunda geração de peruanos a idade média foi de aproximadamente 13 anos.

GRÁFICO 5 - Estrutura etária da população peruana – Primeira e Segunda Geração. Município de São Paulo, 2000

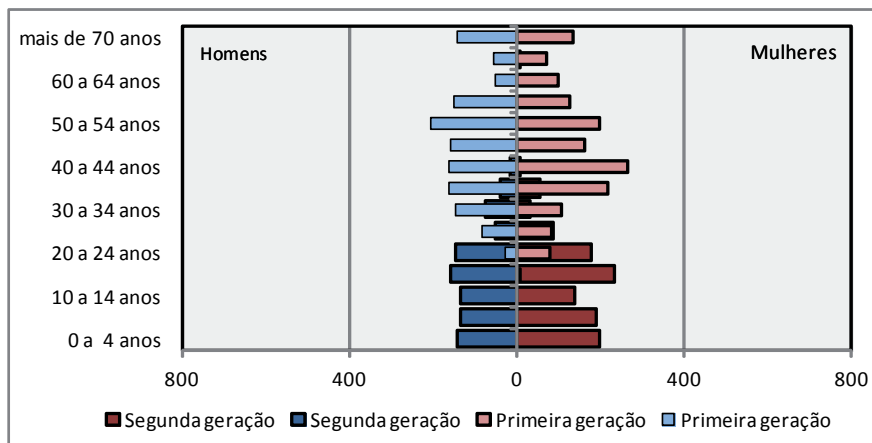


Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.



Em relação à população uruguaia na cidade de São Paulo, o total de filhos foi de 2.029, 1.807 da segunda geração e 222 da geração 1.5. Considerando que o fluxo uruguaio para São Paulo não é recente, ressaltou-se uma estrutura etária da primeira geração bastante adulta e envelhecida, ademais, com maior presença de homens. (Cf. Gráfico 6) A idade média da primeira geração foi 47,3 anos. No entanto, levando em conta a segunda geração, foi possível observar uma estrutura etária com forte presença de adultos, porém com relevante presença de crianças e jovens, gerando uma pirâmide em formato quase retangular. Sendo a idade média da segunda geração 15,8 anos e para o total de pessoas 34,1 anos.

GRÁFICO 6 - Estrutura Etária da população uruguaia - Primeira e Segunda Geração. Município de São Paulo, 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

Logo, revelou-se que a segunda geração é presente em todas as nacionalidades analisadas, mesmo tendo diferentes fluxos e características socioeconômicas bastante distintas entre eles. Além disso, foi possível observar como a segunda geração tem importante influência no rejuvenescimento das populações em questão, bem como são importantes no contexto do domicílio imigrante, demonstrando que, para além dos estrangeiros, as crianças de origem imigrante também são presentes em grande número na cidade de São Paulo.

Ademais, a segunda geração e a geração 1.5 aqui analisadas, em sua maioria, estão em idade escolar e grande parte frequenta as escolas públicas da cidade. No entanto não existem políticas públicas voltadas para essas crianças, que, por vezes, enfrentam problemas como dificuldade de entender o português, preconceitos, entre outros. Logo, faz-se necessário pensar nos imigrantes para além da primeira geração, vislumbrando, também, os seus descendentes e os problemas enfrentados pelos mesmos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo principal demonstrar a importância da presença da segunda geração e da geração 1.5 de latino-americanos na cidade de São Paulo e, para tal, buscou descrever o volume das distintas gerações latino-americanas a partir dos dados do Censo Demográfico de 2000.

Logo, percebe-se que, ao levar em conta a questão dos filhos dos imigrantes, o volume das populações de imigrantes mencionadas foi grandemente ampliado, demonstrando a importância da segunda geração para entender a dinâmica do grupo em questão. Portanto, pode-se concluir que, ao restringir os estudos migratórios apenas a questões relacionadas à primeira geração, empobrece-se o entendimento das comunidades migrantes e do fenômeno migratório em si. Ou seja, não são observados os efeitos indiretos decorrentes dessa imigração.

Ademais, ao analisar a estrutura etária dessas populações, foi possível verificar, no geral, para toda a primeira geração uma estrutura etária adulta e com pequena presença de crianças e jovens. No entanto, focando as estruturas etárias da primeira e segunda gerações em conjunto, individuou-se um rejuvenescimento da estrutura, com importante presença de crianças e jovens, demonstrando, assim, a importância da segunda geração ao serem analisadas as populações imigrantes na cidade de São Paulo e na composição dessas famílias. Além dos impactos da primeira geração em São Paulo, também, deve-se buscar entender a questão a partir de um ponto de vista mais amplo, levando em consideração ambas as gerações, considerando que as análises aqui realizadas evidenciaram uma constante para todas as nacionalidades em questão no tocante ao rejuvenescimento das estruturas etárias.

Tal dado pode parecer inexpressivo, pois sempre, numa população com relevante volume de crianças e jovens, a tendência é que a estrutura etária seja mais jovem. No entanto, geralmente, quando são pesquisadas populações imigrantes, leva-se em conta apenas as pessoas de nacionalidade estrangeira, deixando de lado seus descendentes. Por isso, este artigo visou a enfatizar a importância de analisar os imigrantes latino-americanos em São Paulo em conjunto com seus descendentes, principalmente quanto àqueles da segunda geração nascidos no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ANTICO, C. Imigração internacional no Brasil durante a década de 80: explorando alguns dados do Censo de 1991. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO DA ABEP, 1998. *Anais...* Caxambu: ABEP, 1998. p. 665-685.
- BAENINGER, R.; LEONCY, C. Perfil dos estrangeiros no Brasil segundo autorizações de trabalho (Ministério do Trabalho e Emprego) e registro de entradas e saídas na polícia federal. In: CNPD. *Migrações internacionais – Contribuições para políticas*. Brasília, DF: IPEA, 2001. p. 187-242.
- BATISTA JR, P. N. A América do Sul em movimento. *Revista de Economia Política*, v. 28, n. 2 (Issue 110), p. 226-238, abr.-jun. 2008.
- CYMBALISTA, R.; XAVIER, I. R. *A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade*. São Paulo: ANPOCS, 2007. (Paper Anpocs).
- DOMENACH, H.; PICOUET, M. *Les migrations*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- \_\_\_\_\_. El carácter de reversibilidad en el estudio de la migración. *Notas de Población*, Celade. Revista Latinoamericana de Demografía. Anos XVIII. Santiago de Chile, CELADE, n.49, 1990.
- FAZITO, D. Análise de Redes Sociais e a Migração: Mito e realidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. *Anais...* Ouro Preto, MG: ABEP, 2002.
- FAUSTO, B. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1991.
- FIORI, José L. Ajustes e milagres latino-americanos. In: FIORI, J. L. *Os Moedeiros Falsos*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1997.
- KADLUBA, R. F. C. (Coord.). *Projeto Urb-Al Rede 10. A imigração na cidade de São Paulo: integração dos imigrantes como forma de combate à pobreza*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo/Instituto UNIEMP, 2007. Disponível em: <[http://www.projetoindustria.com.br/i-migrantes/noticias/imgracao\\_em\\_sao\\_paulo.pdf](http://www.projetoindustria.com.br/i-migrantes/noticias/imgracao_em_sao_paulo.pdf)>.
- KASINITZ, P; MOLLENKOPF, J. H.; WATERS, M. C. Worlds of the second generation. In: \_\_\_\_\_. *Becoming New Yorkers: ethnographies of the new second generation*. New York: Russell Sage Foundation, 2004. p.1-19.

- MEDEIROS, Carlos A. Globalização e a inserção internacional diferenciada da Ásia e da América Latina. In: FIORI, J. L.; CONCEIÇÃO, M. T. *Poder e dinheiro: uma economia política da globalização*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 279-346.
- PAIVA, O. C. *A imigração de latino-americanos para São Paulo (Brasil): dois tempos de uma mesma história*. São Paulo: Pastoral do Imigrante, 2007. Disponível em: <<http://www.memorialdoimigrante.org.br/arquivos/artigofranca.pdf>>. Acesso em: set. 2009.
- PATARRA, N. L.; BAENINGER, R. Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.21, n.60, p. 84-102, fev. 2006.
- \_\_\_\_\_. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul./set. 2005.
- PATARRA, N. Migrações internacionais e integração econômica no cone Sul: notas para discussão. In: SALES, T.; SALLES, M. R. R. (Orgs). *Políticas migratórias: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior*. São Carlos: EdUFSCar/Sumaré, 2002. p. 31-52.
- PORTES, Alejandro. Preface. In: PORTES, Alejandro. *The New Second Generation*. New York: Russel Sage Foundation, 1996. p. IX-X.
- \_\_\_\_\_. Introduction: Immigration and its Aftermath. In: PORTES, Alejandro. *The New Second Generation*. New York: Russel Sage Foundation, 1996. p. 1-7.
- PORTES, A.; ZHOU, M. The new second generation: segmented assimilation and its variants. In: SUÁREZ-OROZCO, M; SUÁREZ-OROZCO, C; QIN, D. B. *The new immigration: an interdisciplinary reader*. New York: Taylor & Francis Group, 2005. p. 85-101.
- PORTES, A; HALLER, W; FERNANDEZ-KELLY, P. Filhos de imigrantes nos Estados Unidos. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, v. 20, n. 1, p. 13-50, 2008.
- SILVA, Sidney A. *Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- \_\_\_\_\_. Latino-americanos em São Paulo: aspectos de sua reprodução social e perspectivas. In: XXII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 1998. *Anais...* Caxambu: 1998. Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br/encontro/1998/1998.htm>>. Acesso em: set. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Faces da latinidade: Hispano-americanos em São Paulo*. Campinas: UNICAMP, 2008. n.55 (Coleção Textos NEPO).
- SALES, T. A organização dos imigrantes brasileiros em Boston, EUA. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.19, n.3, jul./set. 2005.
- \_\_\_\_\_. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.
- SALES, T; LOUREIRO, M. Imigrantes brasileiros adolescentes e de segunda geração em Massachusetts, EUA. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Campinas, v. 21, n. 2, p. 217-239, jul./dez. 2004.

